



## O USO DO VESTUÁRIO INFANTIL COMO ELEMENTO DE ESTÍMULO PARA O DESENVOLVIMENTO TÁTIL DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: O PAPEL DOS PAIS E EDUCADORES

*The use of children's clothing as a stimulus element for the touch development of children with visual deficiency: the role of parents and educators*

Juliana Bononi<sup>1</sup>

Cassia Leticia Carrara Domiciano<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo traz um relato de pesquisa que faz parte da dissertação de mestrado desenvolvida entre 2014 e 2016, apresentando uma investigação com o objetivo de descobrir como o estímulo tátil de crianças com deficiência visual está sendo trabalhado por meio do vestuário. Partimos de uma pesquisa de campo exploratória descritiva e qualitativa, a qual foi aplicada por meio de questionários com os pais e professores das crianças que estudam em uma Associação para pessoas com deficiência visual no município de Ribeirão Preto, no interior do estado de São Paulo, que atende a cidade e a região vizinha. Constatamos que os pais abordados acreditam no potencial das roupas como estimuladoras da experiência tátil e da independência no vestir-se e despir-se dos filhos com deficiência, ainda que não priorizem a presença de elementos táteis. De forma semelhante, as Educadoras inqueridas afirmaram que o vestuário pode ser pedagógico, embora não explorem e nem auxiliem os pais a utilizar esse recurso. Podemos concluir que pais e educadores deixam de explorar as potencialidades do vestuário, pois não estimulam as crianças a usá-lo como meio de aprendizagem. Assim, notamos a necessidade de orientação sobre a capacidade das experiências e aprendizagens embutidas nos elementos das roupas, objeto de uso cotidiano.

**Palavras-chaves:** Vestuário infantil. Deficiência visual. Moda Inclusiva.

<sup>1</sup> Mestre em Design de Produto. Docente na Graduação em Moda do Centro Universitário Moura Lacerda e da Universidade de Franca - Membro do NDE e do NIEPED (Núcleo Itinerário de Estudos e Pesquisa em Educação e Diversidade) do C.U. Moura Lacerda.

E-mail: [julianabs9@gmail.com](mailto:julianabs9@gmail.com) | Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3722965298519701>

<sup>2</sup> Doutora em Estudos da Criança - Comunicação Visual e Expressão Plástica - Universidade do Minho, Portugal. Professora efetiva da UNESP de Bauru. Coordena desde 2001 o laboratório de design gráfico Inky Design e é colíder do grupo de pesquisa "Design Gráfico Inclusivo: visão, audição e linguagem". Vice-chefe do Departamento de Design da Unesp.

E-mail: [cassialcdomiciano@gmail.com](mailto:cassialcdomiciano@gmail.com) | Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1534045638750216>

**Abstract**

*This article presents a research report that is part of the masters dissertation developed between 2014 and 2016, presenting an investigation with the objective of discovering how the tactile stimulus of children with visual impairment is being worked through the garment. We started with a descriptive and qualitative exploratory field research, which was applied through questionnaires with the parents and teachers of the children who study in an Association for visually impaired people in the city of Ribeirão Preto, in the interior of the state of São Paulo, which serves the city and the surrounding region. We found that the parents approached believe in the potential of clothing as a stimulator of tactile experience and independence in dressing and stripping of children with disabilities, even though they do not prioritize the presence of tactile elements. Similarly, the Inmate Educators have stated that clothing can be pedagogical, although they do not exploit or assist parents in using this resource. We can conclude that parents and educators fail to explore the potential of clothing as they do not encourage children to use it as a means of learning. Thus, we note the need for guidance on the capacity of the experiences and learning embedded in the elements of the clothes, object of daily use.*

**Keywords:** *Children's clothing. Visual impairment. Inclusive Fashion.*

## 1 INTRODUÇÃO

As qualidades do *design* e suas vertentes possibilitam a criação de uma interface de comunicação e interação por meio do vestuário, trabalhando o conforto, as emoções, o prazer de ver e ser visto, de sentir-se incluso em um grupo, no mercado de trabalho e principalmente em conviver de forma harmoniosa.

A roupa é um dos produtos mais consumidos pelas pessoas, sua importância não consiste apenas no produto final, de forma que o projeto do vestuário deve atender as demandas sociais e objetivas, como as características físicas e pessoais no que diz respeito ao corpo, a idade, ocupação, situação econômica e estilo de vida, sem se abster de seus valores simbólicos.

O estímulo tátil é de fundamental importância para o desenvolvimento de crianças com deficiência visual (DV), e sua condição pede que aprendam a mover as mãos para explorar objetos, que devem ser apresentados gradativamente para que conheçam várias texturas (duro e mole, macio e áspero), assim como tamanhos e pesos relativos a objetos, processo este possível com o aperfeiçoamento gradual das técnicas de percepção.

Nesse sentido, o vestuário pode ser usado como um recurso pedagógico, auxiliando não apenas os professores, mas também os pais ou responsáveis a trabalhar a qualidade tátil com as crianças, além da independência no ato de vestir-se e despir-se.

O objetivo dessa investigação é descobrir como esses adultos envolvidos com as crianças com deficiência visual estão trabalhando o estímulo tátil por meio do vestuário. Partimos de uma Pesquisa de Campo exploratória, descritiva e qualitativa, onde foi aplicado um questionário com os pais, e outro com os professores das crianças que estudam na Adevirp (Associação dos Deficientes Visuais de Ribeirão Preto e Região), situada no interior do estado de São Paulo.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 Fundamentação teórica

Primeiramente foi realizado um levantamento bibliográfico, para estabelecer os parâmetros da pesquisa por meio de estudos realizados por outros pesquisadores. Verificou-se nas teses *B brincando com a roupa* (BEZERRA, 2009) e O

*lúdico no vestuário infantil* (PEREIRA, 2011), que o vestuário pode ser considerado lúdico e pedagógico, visto a possibilidade de seu uso como recurso de aprendizagem e contribuir para o desenvolvimento da imaginação, além de ser uma rica fonte de estímulos para o sentido tátil, por meio de texturas introduzidas na modelagem através de pregas, recortes, dobras e bordados, assim como pela manipulação de diferentes tecidos, das estampas em alto relevo e pingentes.

É por meio da percepção tátil que a criança com deficiência visual fundamentalmente percebe e interpreta a sua realidade. Portanto, Dardes (2010) explica que para o uso do tato, se faz necessário muito treino e ensino, pois as informações percebidas são menos refinadas do que a visão.

A expressão “deficiência visual” se refere ao espectro que vai da cegueira até a visão subnormal, que também pode ser denominada de *visão reduzida* ou *baixa visão*. De acordo com Amiralian (2004), o termo *Deficiência Visual* engloba pessoas cegas e de baixa visão. Essa identificação baseia-se no diagnóstico oftalmológico e consiste na acuidade visual medida pelos oftalmologistas.

O documento *Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental*, voltado para a questão da deficiência visual, produzido pelo Ministério da Educação (BRUNO; MOTA, 2001), define como possuidoras de cegueira as pessoas que apresentam desde a ausência total de visão até a perda da projeção de luz, utilizam os sentidos do tato, audição, olfato e paladar como processo de aprendizagem e utilizam o sistema braile como principal meio de comunicação escrita.

A criança com ausência total da visão baseia todo o seu desenvolvimento em referenciais transmitidos por estímulos auditivos e táteis, sendo esta a sua fonte de informação mais imediata. A audição e o tato são os sentidos privilegiados para o seu desenvolvimento, dando-lhe os estímulos fundamentais e indispensáveis para o seu desenvolvimento. Nesse aspecto, é importante a citação de Oliveira (1998), quando afirma que “As pesquisas mais recentes atestam que os olhos são responsáveis por no mínimo 80% das impressões recebidas através da sensibilidade. Habitamos um mundo que se manifesta de forma predominantemente visual”.

Por esse motivo deve-se criar hábitos de independência na criança com DV, a fim de desenvolver a autoconfiança necessária para sua vida futura, quando são encorajadas e ensinadas a fazer as coisas por si mesmas. Isto porque necessitam de experiências enriquecedoras, através da manipulação e experimentação de

objetos reais, para conseguirem experimentar e/ou adquirir a maior consciência possível do mundo real.

Neste cenário, deve ser possibilitado o desenvolvimento de atividades que promovam a exploração espontânea, tanto física como intelectual, não devendo ser minimizado o papel da mediação verbal na resolução de tarefas.

Um trabalho orientado para o desenvolvimento cognitivo aumenta e reforça o raciocínio espaço-temporal e o lógico-matemático, portanto, segundo Pereira (2009), a aprendizagem dinâmica, geradora, apoia-se na espontaneidade e na criatividade da criança, enquanto a aprendizagem de fatos vem através da prática, da repetição e da memorização.

As questões relacionadas à interação social se tornam ainda mais importantes para essas crianças, já que as mesmas possuem algumas limitações, principalmente quando há ausência total da visão, pois são frequentemente consideradas incapazes de participar e contribuir nas atividades em grupo, muitas vezes são isoladas do contato com parceiros e têm suas interações restritas à relação com o adulto (SOUZA; BATISTA, 2008).

Os profissionais que atuam na educação, habilitação e reabilitação de escolares com baixa visão necessitam conhecer esta população, porque quanto maior o conhecimento, melhor será a elaboração de um programa de habilitação e/ou reabilitação visual, propiciando desenvolvimento, transmissão de conhecimentos de acordo com as necessidades de cada um, transformação em novos saberes, aprendizagem e preparo para a inclusão social (FERRONI; GASPARETTO, 2012).

Mais ainda, os responsáveis devem continuar a dar ênfase ao desenvolvimento tátil durante toda a vida destes indivíduos, já que essa é a base para os níveis mais altos do desenvolvimento cognitivo, segundo Oliveira et al. [2002?].

A modalidade tátil se desenvolve por um processo de crescimento gradual e sequencial, levando as crianças com Deficiência Visual de um reconhecimento simplista a uma interpretação complexa do ambiente afirmam Oliveira et al. [2002?]. Os pais e educadores têm um papel importantíssimo neste processo e podem estimular o desenvolvimento dessas crianças desde a infância.

Para Bononi et al. (2015), a criança com deficiência visual não apresenta alteração de sua estrutura física, portanto faz uso do mesmo vestuário da criança normovisual, no entanto, sua percepção com relação ao vestuário, assim como a

interação durante o ato de vestir-se, merecem atenção especial em seus aspectos estéticos, práticos e perceptivos.

Kamisaki (2011) ressalta que o designer, ao projetar para crianças, deve compreender como ela explora e aprende sobre o meio que a circunda em cada etapa do seu desenvolvimento, pensando em protegê-la e desafiá-la.

Quanto às roupas infantis neste processo, Pereira (2010) constatou em sua pesquisa que as texturas táteis variadas podem ser usadas como recurso pedagógico, pois auxiliam no desenvolvimento da percepção e interpretação por meio da exploração sensorial, assim como a qualidade tátil também pode ser utilizada para fazer com que as crianças adquiram destreza nos movimentos e despertem a sua curiosidade.

Brito et al. (2010) explica que aplicações, estampas que produzem relevo, manipulações do tecido e bordados permitem o desenvolvimento do estímulo tátil infantil.

Logo, para a criança em desenvolvimento, a relação entre o real e o imaginário é de grande importância, e o vestuário pode contribuir como ferramenta de estímulo, através de elementos que remetem ao lúdico e à fantasia. Assim, como o tato é estimulado quando sentimos diferentes texturas, combinando, por exemplo, tecidos diferentes.

Martins (2005, p.60), aponta que “[...] assim como a pele está geneticamente adaptada ao corpo cumprindo as suas funções básicas e fundamentais; da mesma forma, o vestuário deve ser uma segunda pele que cobre o corpo, mas que precisa ser reconhecida e adaptada para os diferentes usuários em suas diferentes acepções”.

Portanto, o projeto do vestuário deve atender as demandas sociais e objetivas, como as características físicas e pessoais no que diz respeito ao corpo, a idade, atividades desenvolvidas, situação econômica e estilo de vida, sem se abster dos valores simbólicos, visto que a roupa é um dos produtos mais consumidos pelas pessoas e sua importância não reside somente no produto final, mas no corpo vestido em sua totalidade, e na maneira de proteger, “embalar” e adornar o corpo confortavelmente.

## 2.2 Metodologias empregadas

A pesquisa de campo realizada foi exploratória, descritiva e qualitativa. Como pesquisa exploratória procurou proporcionar às pesquisadoras maior familiaridade com os temas, a criança deficiente visual, a instituição de ensino para esse público e o vestuário infantil.

A coleta de dados foi feita por meio de questionários semiestruturados, aplicados junto a pessoas que convivem, compram as roupas, ajudam na hora de vestir e educam (pais e professores) as crianças com DV. O método de análise escolhido foi a documentação direta.

A pesquisa também teve como objetivo conhecer e descrever, através do entendimento e interpretação dos dados analisados, se 1) existe alguma dificuldade por parte dos pais em encontrar vestuário para seus filhos; 2) os responsáveis estão conseguindo trabalhar a independência das crianças quanto ao seu vestuário; 3) os pais estão satisfeitos com as roupas atualmente comercializadas em lojas; e se 4) os pais ainda observam a presença de elementos táteis - relevos, pingentes, dobras e estampas 3D, assim como o posicionamento dos botões e zíperes – como elementos de atenção e decisão na escolha das roupas.

159

Além disso, para conhecer a realidade dessas crianças sob um outro ponto de vista, foi aplicado também um questionário direcionado aos profissionais da instituição de ensino onde as mesmas se inserem (professores).

Esclarece-se que não houve uma preocupação quantitativa e estatística no tratamento dos dados obtidos, mas uma observação sensível e focada nas experiências dos indivíduos.

Para a realização desse estudo tomou-se todas as medidas legais cabíveis, de forma que o mesmo foi submetido à Plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética. O processo recebeu CAAE 42757415.3.0000.5663.

## 3 ANÁLISE DOS DADOS

### 3.1 Caracterização do local de pesquisa

A entidade que acolheu a investigação foi a Associação dos Deficientes Visuais de Ribeirão Preto e Região (Adevirp), que atende atualmente 157 deficientes visuais. O site da Adevirp esclarece que esta é uma instituição da sociedade civil sem

fins lucrativos e foi idealizada pela Prof.<sup>a</sup> Marlene Taveira Cintra e alguns voluntários da comunidade onde se insere, a partir do momento que perceberam a necessidade da inclusão educacional e social das pessoas com deficiência visual. De acordo com o site,

O foco da atenção da instituição sempre foi atendimento educacional especializado, social, profissional, esportivo e cultural, junto a crianças, jovens e adultos com deficiência visual, visando à inclusão como um todo, num trabalho centrado na família, escola e comunidade. (ASSOCIAÇÃO, 2015).

A instituição atua desde 1998, e atualmente dispõe de uma área de 4.200 m<sup>2</sup> de terreno e 1.256 m<sup>2</sup> de área edificada distribuídos em várias salas de aulas, oficinas e ambientes adaptados voltados para a capacitação e inclusão das pessoas com deficiência visual, dentro das normas de acessibilidade, baseado nas necessidades específicas das pessoas com cegueira e baixa visão.

Em 2006 foi criado dentro da escola o Centro de Educação e Reabilitação Louis Braille, visando questões muito mais amplas voltadas para a disseminação do conhecimento através das diversas formas de acessibilidade, segundo o site da Adevirp. Sua missão, de acordo com o site, é:

Contribuir para o desenvolvimento humano global e a inclusão educacional e social das pessoas com deficiência visual, através de ações, recursos e serviços com o objetivo de melhorar a qualidade de vida e a convivência sócio familiar em parceria com as famílias, escolas, empresas e comunidade em geral. E ser uma instituição de referência na área da deficiência visual com um trabalho de qualidade para seus usuários e colaboradores. (ASSOCIAÇÃO, 2015).

### **3.2 Primeira parte da pesquisa: Questionário aplicado aos Pais**

O primeiro questionário foi dirigido aos Pais das crianças, com a intenção de conhecer a realidade de vida dos mesmos, características sociais, a importância do vestuário e o tempo de atenção destinado aos filhos em casa.

Foram entregues 10 questionários na secretaria da instituição, devido à dificuldade em encontrar-se com os Pais, pois moram em cidades vizinhas de Ribeirão Preto ou trabalham fora. As crianças normalmente são levadas até a instituição por transporte público (ônibus ou vans escolares). Nove (9) famílias devolveram o mesmo preenchido.

A tabela 01 apresenta a faixa etária das crianças cujos pais responderam os questionários, com variações entre 03 e 12 anos de idade.

Tabela 01 - Idade e gênero das crianças.

CRIANÇAS			
IDADE	MENINAS	MENINOS	TOTAL
3 anos	0	1	1
5 anos	1	1	2
6 anos	1	1	2
8 anos	0	1	1
9 anos	1	1	2
12 anos	0	1	1
TOTAL	3	6	9

Fonte: Elaborada pela Autora.

Entre os pais, 3 (três) possuem ensino fundamental e 6 (seis) cursaram até o ensino médio, e entre as mães, 2 (duas) possuem ensino fundamental, 6 (seis) cursaram o ensino médio e 1 (uma) o ensino superior, como apresentado na tabela 02. Entre elas, 5 trabalham cerca de 8h/dia e 4 não trabalham fora, cuidam do lar e da família.

161

Tabela 02 – Escolaridade dos PAIS

ESCOLARIDADE	PAI	MÃE
Ensino fundamental	5	2
Ensino médio	4	6
Ensino superior	0	1
Pós-graduação	0	0
TOTAL	9	9

Fonte: Elaborado pela Autora

Segue abaixo a tabela 03, que apresenta um resumo do questionário aplicado aos Pais com as respostas.

Tabela 03 – Questionário aplicado aos Pais

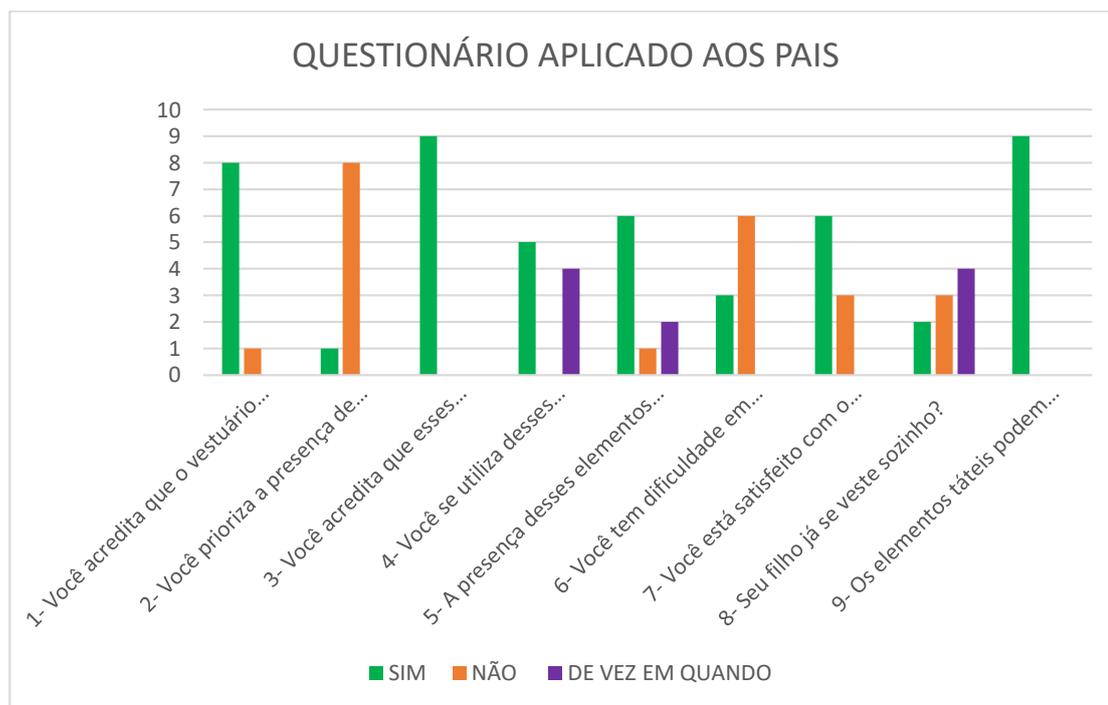
PERTUNTAS	SIM	NÃO	DE VEZ EM QUANDO
1- Você acredita que o vestuário pode estimular a experiência tátil do seu (sua) filho (a)?	8	1	0
2- Você prioriza a presença de elementos táteis como: relevos, dobras, zíperes, botões, pingentes e estampas no vestuário de seu (sua) filho (a)?	1	8	0

3- Você acredita que esses elementos táteis podem ser educativos?	9	0	0
4- Você se utiliza desses elementos para estimular o sentido tátil de seu (sua) filho (a)?	5	0	4
5- A presença desses elementos táteis faz alguma diferença na sua escolha e compra?	6	1	2
6- Você tem dificuldade em encontrar este tipo de vestuário para seu (sua) filho (a)?	3	6	0
7- Você está satisfeito com o vestuário atualmente comercializado para seu filho?	6	3	0
8- Seu filho já se veste sozinho?	2	3	4
9- Os elementos táteis podem ajudar a trabalhar a independência do seu (sua) filho (a) no ato de vestir-se ou despir-se sozinho (a)?	9	0	0

Fonte: Elaborado pela Autora

O gráfico 01 apresenta o resultado das respostas, onde foi possível observar que:

Gráfico 01 – Resultado do questionário aplicado aos Pais



Fonte: Elaborado pela Autora.

De acordo com as respostas, podemos constatar que;

- Os Pais acreditam que o vestuário pode estimular a experiência tátil de seus filhos, mas não priorizam a presença de elementos táteis no vestuário;

- Acreditam que os elementos táteis são educativos, mas apenas 5 (cinco) afirmaram que se utilizam desses elementos e 4 (quatro) responderam que de vez em quando estimulam as crianças através desses recursos;
- A maioria não tem dificuldade em encontrar esse tipo de vestuário para seus filhos, portanto estão satisfeitos com o que é comercializado;
- Todos afirmaram que a presença de elementos táteis no vestuário pode ser educativa, assim como foi unânime afirmar que os elementos táteis ajudam a trabalhar a independência no ato de vestir e despir sozinho.

A pergunta de número 9 dependia da resposta da questão número 8, de acordo com as respostas, podemos observar que duas (2) crianças já se vestem sozinhas, entre elas apenas uma (1) consegue se vestir muito bem, conforme apresentado na tabela 04. Presume-se que tal fato está relacionado com a idade delas (duas meninas), sendo que uma (1) com 6 anos se veste com dificuldade e a outra com 9 anos o faz muito bem.

Entre os meninos, mesmo os maiores de 9 anos ainda não conseguem se vestir muito bem sozinhos.

Tabela 04 – Ato de vestir e despir

PERGUNTA	SIM	NÃO	ÀS VEZES
8- Seu (a) filho (a) já se veste sozinho (a)?	2	3	4
	COM DIFICULDADE		MUITO BEM
9- Se sim, como?	5		1

Fonte: Elaborado pela Autora

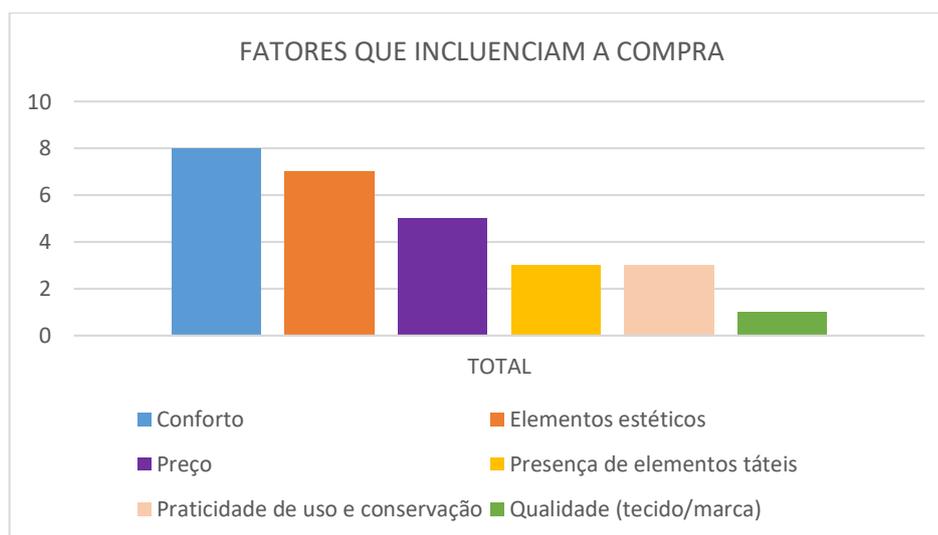
Quanto às respostas sobre os fatores que influenciam a decisão de compra, foi solicitado numerar de 1 a 3 de acordo com a prioridade, entre; preço, conforto, elementos estéticos, elementos táteis, praticidade de uso e conservação. De acordo com as respostas:

- CONFORTO foi o fator mais assinalado;
- ELEMENTOS ESTÉTICOS foi o segundo item mais apontado;
- ELEMENTOS TÁTEIS e a PRATICIDADE tiveram o mesmo número de respostas, com 3 pontos cada.

Portanto, confirmamos que os pais priorizam o conforto, os elementos estéticos e o preço. A presença de elementos táteis e a praticidade de uso acabam por ficar bem distantes da devida importância que deveriam ter para seus filhos.

De acordo com o gráfico 02, podemos concluir que os Pais desconhecem a potencialidade da presença dos elementos táteis no vestuário e que a criança, quanto estimulada, - como levantado por pesquisas anteriores - podem, por meio de brincadeiras com esses elementos, aprender noções de volume, estabelecer as distinções entre liso, áspero e macio, assim como duro e mole, quente e frio. Podemos destacar ainda, em relação ao vestuário, as sensações de conforto e desconforto, assim como o estímulo à independência e o prazer em se vestir.

Gráfico 02 – Fatores que influenciam a compra



Fonte: Elaborado pela Autora – Questionário aplicado

Não podemos deixar de descrever a observação de uma mãe: “Roupas com elementos táteis na maioria das vezes são muito caras”.

A tabela 05 apresenta os valores das peças mais consumidas pelas crianças, que foram levantados durante a execução da pesquisa, em 2016. Verificamos que, assim como a riqueza de detalhes é grande, os preços variam muito, também encontramos muitas promoções nos estabelecimentos de venda, mas esses detalhes fogem ao escopo desse trabalho.

Tabela 05 – Média de valores das peças comercializadas

PEÇAS/VALORES	
Camiseta com estampa emborrachada	R\$ 39,90
Camiseta com capuz e estampa emborrachada	R\$ 39,90
Camiseta com estampa corrida e bordado à máquina	R\$ 29,90
Bermuda de tactel com velcro	R\$ 25,90

Bermuda de moletom com zíperes	R\$ 49,90
Bermuda cargo de brim	R\$ 45,90
Vestido de algodão estampado	R\$ 89,90
Vestido em malha de algodão com paetês	R\$ 99,90

Fonte: Elaborada pela autora.

### 3.2 Segunda parte da Pesquisa: Questionário aplicado aos Profissionais da Entidade pesquisada.

Feita por meio de questionário dirigido aos professores, com a intenção de conhecer a realidade vivida em sala de aula, assim como sua formação escolar e horas de trabalho, se considera importante e se faz uso do vestuário como educativo.

Dos 5 (cinco) questionários solicitados, dois foram entregues, e as profissionais que responderam foram uma Psicóloga com Pós-graduação em Psicopedagogia e uma Pedagoga com Pós-graduação de Habilitação em Áudio-Comunicação.

Ambas possuem em média 10 alunos, não têm auxiliares e trabalham até 4h/dia.

Quando questionadas sobre acreditarem que o vestuário pode ser educativo, responderam sim à pergunta. Uma das entrevistadas afirmou que o aluno poderá aprender muitos conteúdos através do vestuário, e a outra que a roupa estimula os sentidos.

Na questão referente aos elementos presente no vestuário como estampas, relevos, botões, zíperes e pingentes como estimuladores do desenvolvimento tátil, a Psicóloga respondeu que esses elementos podem trabalhar conceitos importantes para coordenação motora e na orientação espacial, que estimulam os alunos na identificação do reconhecimento de seu vestuário por meio da experiência tátil, mas, infelizmente, não orienta os Pais a trabalharem o estímulo dos sentidos por meio do vestuário.

A Pedagoga afirmou que o vestuário pode estimular as crianças por meio das diferentes texturas, mas que não trabalha esse estímulo com seus alunos e também não orienta os Pais a realizarem este processo. Quanto às dificuldades encontradas pelas crianças no ato de se vestir e despir na escola, a Psicóloga respondeu que a identificação da parte da frente e costas, abrir e fechar botões e amarrar cadarço são

as maiores dificuldades percebidas por ela. Enquanto à Pedagoga apontou a identificação de direito e avesso da peça e dificuldade com o zíper.

Sobre a experiência em trabalhar com crianças DV, as respostas foram:

Uma experiência muito rica, pois quando iniciei o meu trabalho achava que os deficientes visuais não fossem capazes de realizar muitas coisas, tipo: não comerem sozinhos, se vestirem, correrem, tomar ônibus, etc. e percebi que estava enganada em relação ao meu conceito. (PEDAGOGA Adevirp).

Tem sido um trabalho realizador e gratificante. Há uma troca de experiências diária. A deficiência visual não limita o potencial das pessoas, sendo assim, com o auxílio adequado são totalmente capazes para aprender. (PSICÓLOGA Adevirp).

#### 4 DISCUSSÃO

A presente pesquisa procurou verificar, por meio de questionários como os pais e professores de crianças com deficiência visual estão trabalhando o estímulo tátil por meio do vestuário.

Podemos concluir através das respostas, que os pais não sabem da potencialidade da presença dos elementos táteis nas roupas, visto que priorizam o conforto, os elementos estéticos e o preço, no ato da compra. A presença de elementos táteis e a praticidade de uso acabam por ficar bem distantes da devida importância que deveriam ter para seus filhos.

Mesmo afirmando que sabem e acreditam que o vestuário pode ser educativo e estimular a experiência tátil, não estimulam nesse sentido. Uma vez que as crianças podem aprender noções de formas e volumes, diferenciação do liso, áspero e macio, do duro e mole, do quente e frio, entre outras qualidades, podemos destacar principalmente o uso da sensibilidade na construção das sensações de conforto e desconforto, assim como a independência e o prazer em se vestir, além da interação como o próprio vestuário, com os pais, professores e principalmente com outras crianças.

Quanto aos questionários aplicados com os professores, podemos observar que a DV não é limitadora, principalmente quando há auxílio adequado para o aprendizado e principalmente para a independência, em especial na infância, quando podemos educar para transformar adultos inseridos no mercado de trabalho e na sociedade de forma justa.

Mas a principal constatação foi que as próprias educadoras não exploram o potencial da experiência tátil por meio do vestuário, por esse motivo nunca

orientaram os pais a respeito. Deixando de trabalhar a independência e de desenvolver a autoconfiança através de experiências enriquecedoras por meio da manipulação e experimentação de objetos reais presente no cotidiano de todos.

## 5 CONCLUSÃO

Frente ao exposto, podemos afirmar que o uso do vestuário como lúdico e pedagógico pode ajudar a ultrapassar algumas dificuldades com que se deparam pela vida. Proporcionando a possibilidade de interagir, incluindo-se mutuamente nas brincadeiras com outras crianças.

As qualidades do *design* e suas vertentes possibilitam a criação de uma interface de comunicação e interação por meio das vestes, trabalhando o conforto, o prazer, as emoções, enfim, o prazer de ver e ser visto, de sentir-se incluso em um grupo, no mercado de trabalho e principalmente em conviver de forma harmoniosa.

O design faz parte do cotidiano de todos e possui características sociais e inclusivas, podendo ser gerador de cultura, ferramenta de educação e capacitação profissional.

Enfim, todos os objetos devem ser apelativos, devem criar no usuário a vontade de interagir com ele. Este princípio torna-se ainda mais verdadeiro quando se trata de criar oportunidades para crianças, principalmente para as que tem alguma deficiência, que necessitam ainda mais se sentirem cativadas, amadas e inseridas na sociedade de forma atuante, e o vestuário pode ser um grande facilitador nessa inserção.

Constatamos que pais e educadores não exploram as potencialidades do vestuário como educativo, portanto há necessidade de orientá-los sobre a capacidade de trocas, experiências e aprendizagens embutidas nos elementos desse objeto tão cotidiano. Neste sentido, há um potencial de pesquisa e de outras intervenções do design para reversão desta realidade.

Trabalhos futuros podem, sem dúvida, incluir novas ideias e formas de concretização deste conceito, contribuindo dessa forma para a superação das limitações das crianças deficientes visuais, limitações que vão surgindo devido à falta de experiências diversificadas. Como a deficiência não é limitadora, o que limita é a superproteção, a falta de informação e principalmente a falta de experiências diversificadas.

## REFERÊNCIAS

AMIRALIAN, M. L. T. M. Sou cego ou enxergo? As questões da baixa visão. **Educar**, Curitiba, n. 23, p. 15-28, 2004.

ASSOCIAÇÃO dos Deficientes Visuais de Ribeirão Preto e Região. Adevirp. Disponível em: <<http://www.adevirp.com.br/>>. Acessado em: 16 jun. 2015.

BEZERRA, M.F. de C.G.F. **Brincando com a roupa**: um estudo sobre o público infantil e a compreensão das roupas que atuam como brinquedo. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Design. 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3208>>. Acessado em: 10 jan. 2015.

BONONI, Juliana; CARVALHO, J. A.; DOMICIANO, Cássia Letícia Carrara; PINHEIRO, Olympio José; PASCHOARELLI, Luis Carlos; MEDOLA, Fausto Orsi. **Aspectos Inclusivos do Design de Moda para Crianças com Cegueira**. 15º ERGODESIGN - Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces Humano-tecnologia/15º USIHC - Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces Humano-computador. Jun. 2015 vol. 2 num. 1 - Disponível em: <<http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/15ergodesign/72-E040.pdf>>. Acessado em: 26 ago. 2015.

BRITO, I.J.G. de; JARDIM, M.D.P.; CARDOSO, A.M.; MING, W. C. O design de moda como inclusão social de portadores de deficiência visual. **Revista Eletrônica de Educação e Tecnologia do SENAI-SP**. v.4, n.9, 2010. Acessado em: 10 nov. 2014.

BRUNO, Marilda Moraes Garcia; MOTA, Maria Glória Batista da; INSTITUTO Benjamin Constant (colab.). **Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental**: deficiência visual Vol. 1 -Fascículos I/II/III. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2001. (Série Atualidades Pedagógicas; 6).

DARDES, M. de C.M. de C.M. Deficiente visual: uma educação inclusiva ou exclusiva? **Revista Pandora Brasil**. n. 24, nov. 2010.

FERRONI, Marília Costa Câmara; GASPARETTO, Maria Elisabete Rodrigues Freire. Escolares com baixa visão: percepção sobre as dificuldades visuais, opinião sobre as relações com comunidade escolar e o uso de recursos de tecnologia assistiva nas atividades cotidianas. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 18, n. 2, p. 301-318, Jun. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382012000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382012000200009&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em: 18 ago. 2015.

KAMISAKI, M. S. **O Design de brinquedos voltado para as crianças com deficiência visual**. 2011. 155 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2011. Disponível em: <<https://www.faac.unesp.br/Home/Pos->

Graduacao/MestradoeDoutorado/Design/Dissertacoes/margareth-sayuri-kamisaki.pdf>. Acessado em: 08 jan. 2015.

MARTINS, S. B. **O Conforto no vestuário**: uma questão de ergonomia Metodologia de avaliação de usabilidade e conforto no vestuário. 2005. 150 f. Tese (Doutorado) Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102065>>. Acessado em: 05 jun. de 2015.

OLIVEIRA, F.I.W.de; BIZ, V.A.; FREIRE, M. **Processo de inclusão de alunos deficientes visuais na rede regular de ensino**: confecção e utilização de recursos didáticos adaptados. Unesp/ Prograd. Disponível em:<[www.unesp.br/prograd/PDFNE2003/Processodeinclusaodealunosdeficientesvisuais.pdf](http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2003/Processodeinclusaodealunosdeficientesvisuais.pdf)>. Acessado em: 20 dez. 2014.

OLIVEIRA, J. V. G. Arte e visualidade: A questão da cegueira. **Revista Benjamin Constant**, 1998, 4(10), 7-10.

PEREIRA, M.L.D. **Design inclusivo: um estudo de caso: tocar para ver: brinquedos para crianças cegas ou de baixa visão**. Dissertação de Mestrado em Design e Marketing-opção têxtil. Universidade do Minho, 2009.

PEREIRA, L.M. **Possibilidades de aprendizagem no vestuário infantil: um estudo exploratório**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2011. Disponível em: <<http://200.145.6.238/handle/11449/89732>>. Acessado em: 12 dez. 2014.

SOUZA, Carolina Molina Lucenti de; BATISTA, Cecilia Guarnieri. Interação entre crianças com necessidades especiais em contexto lúdico: possibilidades de desenvolvimento. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 383-391, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722008000300006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722008000300006&lng=pt&nrm=iso)>. Acessado em: 20 dez. 2014.

Recebido em: 30/03/2018  
Aceito em: 29/06/2018